

Do fato ao acontecimento: tensividade em reportagem telejornalística

Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz

Resumo: O fato, um instante que sobrevém na continuidade amorfa do cotidiano, torna-se acontecimento na reportagem telejornalística, capaz de produzir um instante de plenitude nos telespectadores. Analisada na fusão da imagem e do relato, segundo as dimensões da gramática tensiva, uma reportagem (2007) será investigada em dois eixos tensivos distintos: (1) o eixo da sintaxe intensiva, que trata do andamento, na relação aceleração/afrouxamento, e da tonicidade, na relação amplificação/atenuação; (2) o eixo da sintaxe extensiva, que trata da temporalidade e da espacialidade, na relação concentrado/difuso, triagem/mistura. As relações e gradações contidas no texto evidenciarão o “fascínio” da práxis enunciativa pela dimensão concessiva e o conjunto de práticas e operações textuais e culturais que ela aciona, permitindo que o prosaico material do mundo natural torne-se um verdadeiro e único espetáculo.

Palavras-chave: intensividade; extensividade; sobrevir; conseguir; concessão

Abstract: *From Fact to Event: Tensivity in Telejournalistic Reporting* — The fact, an instant that stands out in the amorphous continuity of the quotidian, becomes an event in telejournalistic reporting, that can produce a moment of satiety in the viewers. Analyzed in the fusion of image and report, according to the dimensions of tensive grammar, a news report (2007) will be investigated along two distinct tensive lines: (i) the line of intensive syntax, which involves the course in the relation between acceleration/relaxation, and the tonicity in the relation between amplification/attenuation; (ii) the line of extensive syntax, which involves the temporality and spatiality in the relation between concentration/diffusion and screening/mixing. The relations and gradations contained in the text will reveal the “allure” of the enunciatory praxis through the concessive dimension and the set of literal and cultural operations it triggers, enabling the prosaic material of the natural world to become a true and unique spectacle.

Keywords: intensive syntax, extensive syntax, popping up, reaching, concession

Práticas semióticas

A relação entre semiótica e comunicação é bastante antiga: os estudos comunicacionais avançam e os semioticistas vêm dando sua contribuição ao campo. A relação entre

essas áreas, entretanto, parece ainda autista: uns e outros não se entendem entre si, daí uma convivência difícil. Se tentarmos descrever essas duas áreas, chegamos a um paradoxo: há uma infinidade de contatos íntimos, acompanhados de quase total desconhecimento recíproco. Mas os congressos nacionais e regionais de comunicação vêm promovendo algo inusitado: juntar os semioticistas das três vertentes predominantes (semiótica peirceana, semiótica francesa e semiótica da cultura) num mesmo espaço, em mesas de discussão e sessões temáticas, o que aponta para um convívio necessário e produtivo. As semióticas das mídias, projeto que ainda apresenta dois pontos de vistas que não se acordam, assim, revelam prismas que se encontram e, muitas vezes cooperam entre si, de certa forma.

Este estudo analítico da reportagem telejornalística ampara-se na semiótica francesa (SF), cuja herança estruturalista perde força nos anos 1980, diante de novas concepções filosóficas e científicas (ciências cognitivas, teorias das catástrofes, auto-organização de sistemas etc.), levando-a a buscar novas questões e novos centros de interesse. Tais mudanças de perspectivas não prevêm um recomeçar do zero, ao contrário, o que era proibido volta a ser questionado, o que foi excluído é reintegrado de acordo com a necessidade da teoria. A enunciação, a percepção, que antes eram vistas como uma saída do texto em direção à referência e à representação do mundo, são agora retomadas e, com o tempo, a SF percebe que o texto não contém apenas os níveis enuncivo e enunciativo, mas abarca, também, os processos que acionam e “formatam” o enunciado e a enunciação, pois, para a apreensão da significação, é preciso considerar os processos que atuam ali, processos instáveis, considerados ainda em seu devir. Dessa forma, a SF traçou seu próprio caminho nas veredas sinuosas das paixões e nas precondições da significação, identificando, antes da significação e da comunicação, um universo indiferenciado, hoje, objeto de estudo da pesquisa semiótica que a distancia da autonomia do texto.

A partir de *Semiótica das paixões* (GREIMAS e FONTANILLE, 1993), a SF abriu o texto para o “mundo natural”, sustentando que a significação articula-se em duas direções, uma manifestada e realizada, outra manifestante e realizante. Se, para a primeira, os esquemas actanciais, os programas narrativos e seus desdobramentos são eficazes, para a segunda, os elementos pertinentes são a percepção, as sensações, a intencionalidade, a cognição, o contexto social. As críticas que ainda se fazem ao imanentismo e ao percurso gerativo do sentido demonstram o desconhecimento de seus autores sobre a evolução da SF, pois ela deixou o imanentismo e o universalismo e agora considera a significação não como dependente apenas do texto, mas decorrente de dados extralingüísticos, tais como as noções de “horizonte tensivo”, “precondições da significação”, “valências”, “espaço tensivo”, “estesia”, “protensividade e devir”, “andamento”, “tensividade”, “formas de vida”, “práxis enunciativa”, “interações”, aquisições e desdobramentos introduzidos a partir dos anos 1990.

Sobre esses patamares, pouco explorados nos estudos comunicacionais, é que se inscreve este estudo que analisará um produto televisivo sob a ótica da gramática tensiva, preconizada por Claude Zilberberg (2006a e b; 2007), um dos ramos avançados da SF atual. Nossa proposta é um exercício de aplicação de elementos de sua “gramática ten-

siva” num texto telejornalístico, com a intenção de demonstrar que o estudo de um caso pode elucidar uma série de práticas constantes em diferentes manifestações midiáticas de natureza audiovisual.

A espera do inesperado¹

Na tentativa de conquistar a cumplicidade da audiência, o telejornal (TJ) apresenta-se como uma promessa de informação e como aliado da população na defesa de seus direitos e interesses. Os apresentadores e repórteres, que representam o enunciador coletivo, são vistos pelo telespectador como mediadores e fiscais “confiáveis”, dedicados a contribuir de modo efetivo para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos. Desse modo, o TJ instaura-se como espaço simbólico de referência, segurança e até esperança diante do caos urbano e dos problemas das diferentes comunidades do Brasil e do mundo. Esse contrato epistêmico (do crer) que estabelece com o telespectador decorre, sobretudo, das notícias que orientam a população a respeito de assuntos que interferem no orçamento doméstico, na saúde, educação, moradia, e até na fé, incorporando as expectativas da audiência e seu repertório político, econômico e cultural. Essas questões, assinaladas em artigos anteriores, não serão aqui aprofundadas, pois o que pretendemos neste trabalho é identificar os elementos tensivos utilizados na instância da enunciação, em que o enunciador constrói a reportagem no sentido de “tocar” o telespectador e fazê-lo aderir a seu discurso.

A informação televisiva, concentrada em seus telejornais diários, é sempre condensada e, geralmente, superficial. Questão de tempo e de práticas consagradas! A preocupação primeira parece ser muito mais emocionar pelo impacto da notícia do que realmente informar. Para tanto, dispõe de artifícios variados, tanto os acumulados pela própria experiência, quanto pelas constantes e sucessivas inovações técnicas que alargam ainda mais os efeitos de sentido do texto televisivo. Suas práticas impactantes saltam aos olhos do observador: estratégias invasoras, regadas a exclamações que magnetizam e provocam surpresa, sufocando os textos e o telespectador. Transformando o fato em acontecimento, a mídia televisiva mostra-se um campo ideal para a aplicação dos estudos de tensividade, recorte que faremos neste estudo.

No fluxo contínuo da programação televisiva, o TJ é o enunciador da “verdade”. Cada notícia rompe a continuidade, instaura o descontínuo, instigando a curiosidade, que nos toca pelo emocional, provocando a adesão contratual do enunciatário nas dimensões passional, fiduciária, pragmática e cognitiva. Cada reportagem aparece na pequena tela como um espetáculo, graças às técnicas audiovisuais que a televisão dispõe. Seu formato narrativo e suas representações constroem o território simbólico que constitui a diversidade de nossa experiência cotidiana, conquistando o telespectador pela intensidade do afeto que sua produção manipula (foria e estesia). O TJ toma do fato os aspectos marcantes,

¹ Subtítulo do livro *Da imperfeição* (GREIMAS, 2002, p. 83).

convocando testemunhas e outros efeitos referenciais, pois não esqueçamos que a televisão chega sempre depois do fato consumado (quando o fato é inesperado). Utilizando enviados especiais, colhe depoimentos, tomadas de vista geral ou *zoom*, além da inclusão de fotos e gravações de arquivo, reconstituição dos fatos, efeitos de computação gráfica e toda parafernália *in loco* (no fato esperado), elementos que ampliam a intensidade, como demonstramos em análise anterior (DINIZ, 2006).

O TJ é sempre um espetáculo intenso, hiperbólico²; nele, os fatos escolhidos são apresentados como o maior, o mais importante ou mais grave, o que valida a posição tensiva de *supremo*, conseqüentemente, singular, único, posição ocupada pelo *exclusivo*. Esse processo de escolha, em que a uns é dado maior intensidade e a outros menos, decorre do processo normal de percepção de todos nós: dentre tantos elementos que povoam o nosso dia-a-dia, captamos aqueles que nos tocam, que nos atingem de maneira contundente, eufórica ou disforicamente. A produção do TJ recolhe do mundo natural os fatos que melhor atingem a opinião pública³, utilizando processos capazes de tocar emocionalmente cada telespectador. Muito mais do que testemunha ocular do fato, o telespectador é privilegiado por uma visão síntese que insiste nos elementos que dão maior intensidade à matéria.

Para esta análise, tomamos a gravação do Jornal Nacional (JN) da Rede Globo de Televisão, apresentado no dia 11 de maio de 2007, último dia da visita do Papa à cidade de São Paulo, assunto predominante na programação da Globo dessa semana, o que também evidencia sua opção pelo catolicismo, recorrente em seus diferentes produtos. Para ilustrar a análise detalhada, que tentará abarcar o relato transcrito, as imagens e os efeitos sonoros, tomaremos a reportagem síntese desse dia: “Eu vi o Papa de perto”, apresentada no final da edição. As fotos captadas do vídeo serão acompanhadas da transcrição da reportagem, numerada em parágrafos para facilitar a leitura. Tanto o JN como um todo, quanto essa reportagem, que resume os três dias de visita do Papa à cidade de São Paulo, serão analisados segundo as dimensões da semiótica tensiva, uma abordagem do texto que aproxima semiótica e retórica.

Efeito de presença

*A mídia tem muitos defeitos, mas ela faz pequenos milagres:
suprime, do ponto de vista enunciativo, o tempo e a distância:
o que está longe torna-se próximo, eis a “mágica” da televisão!*
(ZILBERBERG⁴)

² Essa intensificação do sentido parece referir-se à hipérbole, que, em retórica, é uma figura de expressão, a qual “aumenta ou diminui as coisas com excessos e apresenta-as bem abaixo ou bem acima do que elas são, com o objetivo, não de enganar, mas de conduzir à verdade mesmo, e fixar, afirmando o incrível, aquilo que é preciso acreditar realmente” (FONTANIER, 1977, p. 123, tradução nossa).

³ Acreditamos ser desnecessário mencionar os sempre presentes interesses da empresa, dos anunciantes, dos patrocinadores etc. que direcionam essa escolha, também tratados em publicações anteriores.

⁴ Grande parte das análises aqui contidas foram realizadas durante o Pós-doutorado na França (2006) e apresentadas ao professor Claude Zilberberg, interlocutor atencioso e brilhante, interessado em ver aplicada sua teoria em objetos da mídia. Nesses encontros constantes, o professor fez inúmeras e inesquecíveis observações. Eis uma delas.

Embora cada vez menos apresente matérias “ao vivo”, a TV conhece o valor que a transmissão direta dá ao produto: presentificação, veracidade e impacto, transformando o telespectador em um parceiro que crê no que vê e se emociona, captado pelos sentidos. O primeiro objetivo de um TJ é mergulhar o telespectador no tempo e no espaço do discurso, com a preocupação de criar o efeito de *presença*⁵. A práxis enunciativa instala-se pela tomada de posição dos enunciadores no início do JN: Willian Bonner no estúdio do Rio de Janeiro, tendo ao fundo o painel com a foto do Papa sobre a silhueta da Basílica de N. Sr.^a Aparecida, efeito de computação gráfica (Foto 1), anuncia o TJ, atribuindo-lhe “valores históricos” e chama Fátima Bernardes, “ao vivo”, que está em Aparecida, cidade em que o Papa Bento XVI chegou às 19h00 dessa sexta-feira. Fátima e Bonner, como fazem todas as noites no JN (F. 2), dividem o ecrã, embora em posição invertida.



Fátima Bernardes: *Nos dias em que esteve na capital paulista, Bento XVI foi seguido por milhares de fiéis, moradores e forasteiros, tanto faz, mas gente que pode dizer: Eu vi o Papa de perto!* (F. 3)

⁵ Essa intensificação do sentido lembra a hipotipose, que, em retórica, é uma figura de estilo por imitação que “pinta as coisas de maneira tão viva e animada, uma maneira específica de colocá-las diante de nossos olhos, fazendo do relato ou da descrição uma imagem ou até uma cena viva” (FONTANIER, 1977, p. 390, tradução nossa).

Dos cinco blocos que constituem o JN, quatro são dedicados à visita do Papa e Fátima surgirá no vídeo (com o logo da Globo e a expressão “ao vivo”), apresentando cada matéria relativa ao Papa e, também no final dos blocos, para anunciar as chamadas do bloco seguinte. Bonner apresenta apenas o bloco 3, com matérias fora do tema. A edição dessa noite compreende 19 notícias, das quais 13 são dedicadas à visita do Papa. Isso significa que Fátima e o “ao vivo” estão presentes na telinha em cada passagem, numa insistência constante de que a transmissão se faz “ao vivo” (F. 3). A transmissão direta de lugares diferentes (Rio de Janeiro e a cidade de Aparecida, nesse TJ) é mais uma técnica decorrente das novas tecnologias, que permitem a referencialização no tempo da reportagem e incidem no eixo da intensidade. Trata-se de um elemento englobante (Bonner, no Rio de Janeiro) que integra outro elemento (Fátima, em Aparecida), que, por sua vez, integra cada reportagem realizada pelos outros repórteres que realizaram matérias em São Paulo, Guaratinguetá e Aparecida.

Nessa série de “englobamentos”, estratégia denominada por Barthes de “*mise en abîme*” e *debreagem* em SF, a expressão “ao vivo” é, na verdade, uma montagem, um simulacro nesse tipo de edição, pois, ao contrário do que tentaram sugerir, os fatos relatados compreendem a agenda completa do Papa nessa sexta-feira: desde a madrugada, com a chegada dos fiéis para a missa no Campo de Marte, até a chegada do Papa em Aparecida, às 19h00, horário que não coincidiu com o da transmissão do JN. Nenhuma matéria, portanto, aconteceu “ao vivo”. O efeito de presença, entretanto, está garantido por um componente afetivo: Fátima Bernardes, tendo ao fundo a basílica iluminada (F. 3), conduz o telespectador a acreditar na simultaneidade do tempo e no transporte no espaço, chegando mesmo a anunciar, no início do bloco 4, a hora certa: “São 8 horas e 49 minutos”, apresentando, em seguida, a agenda do Papa para o dia seguinte.

Do mesmo modo, na reportagem “Eu vi o Papa de perto”, o efeito de presença se instala de maneira afetiva, verbalizada em tonalidade dramática (prosódia) por Neide Duarte: a repórter aparece no vídeo cinco vezes para insistir no efeito de aproximação do texto em relação ao centro enunciativo⁶ (F. 5, 6, 7, 8 e 13) e anuncia:

⁶ As sete fotos (F. 1, 2, 3, 6, 9, 17 e 24) referem-se à interferência dos jornalistas, que são os intermediários, os intercessores entre o fato e cada telespectador, exercendo o que Jakobson denomina a *função fática*, aquela que mantém o contato e garante a formação, a relação, a consolidação da cadeia enunciativa entre o aqui e o lá, reciprocamente.



2. Neide Duarte (*in off*): *Foram dias e noites de frio, tempo de garoa em São Paulo, tempo de paz no futebol, tempo de espera... Pelas ruas sabíamos de cor os caminhos do Papa Bento XVI.*

Neide Duarte: — *Vai passar por aqui é?*

Senhora: — *Vai passar!* (F. 5)

Senhor: — *Pode esperar. Daqui meia-hora, mais ou menos.* (F. 6)

3. Neide Duarte (*in off*): — *E aonde eles podiam nos levar:*

Senhora: — *Eu já vi o Papa três vezes já!* (F. 7)

Neide Duarte: — *A senhora estava no meio da multidão no dia em que ele chegou?*

Senhora: — *Eu estava.* (F. 8)

A repórter faz seu relato com nuances de voz, com musicalidade: injunções de andamento e de tonicidade que falam diretamente à “alma” (Zilberberg, 2006: 41):

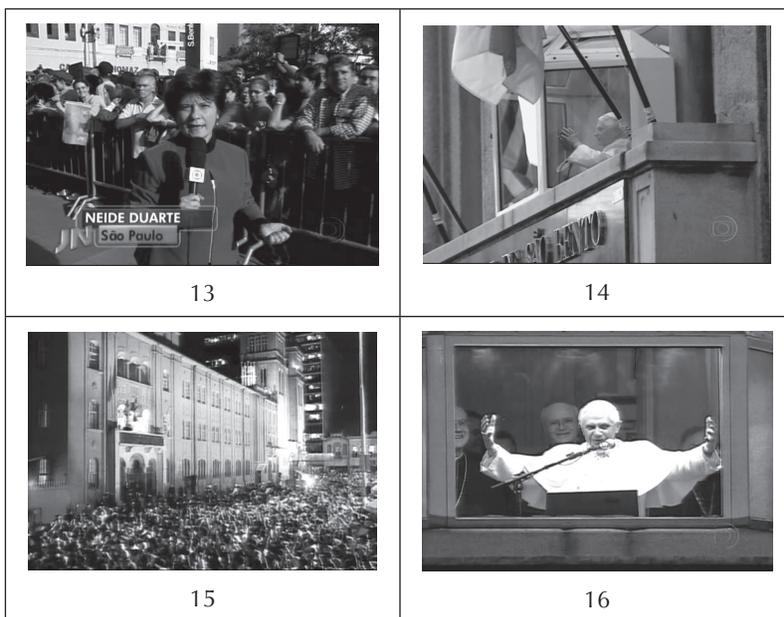


4. Neide Duarte (*in off*): *Naquela noite, naquele aperto do Largo de São Bento, começou a nossa convivência com o Papa. Uma relação de costume e de afeto* (F. 9). *No Estádio do Pacaembu, vivemos horas de show de rock. A estrela do Papa brilhava lá no palco e a platéia respondia com outras luzes* (F. 10 e 11).

5. *Para o Campo de Marte, levamos nossa fé e a crença nos milagres do primeiro santo brasileiro, Frei Galvão. Depois da missa, o único norte da multidão era o endereço do Papa em São Paulo, o Mosteiro de São Bento.*

Senhora: — *Estou sem dormir desde ontem* (F. 12).

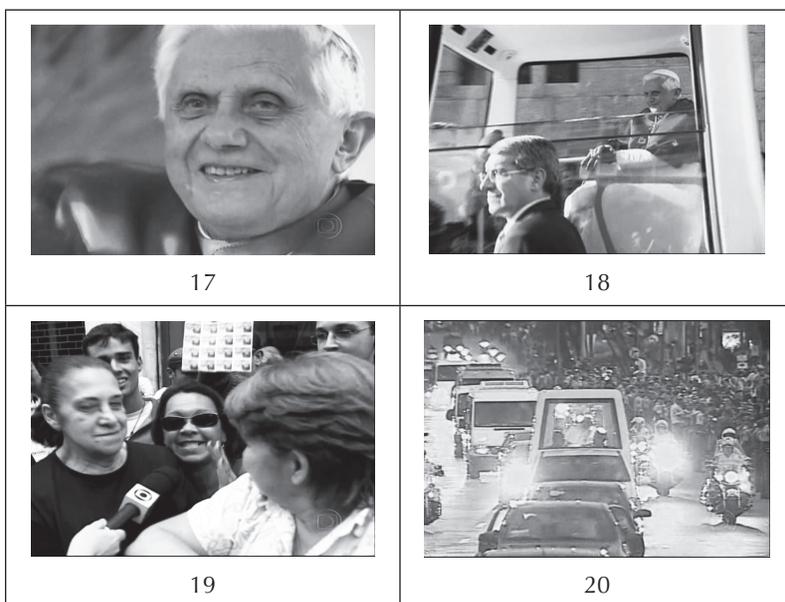
Num processo de ascensão constante, marcada por gradações sucessivas em direção a um instante de sublimação: o Papa, de celebridade e distante do povo, passa a ter uma relação de proximidade, torna-se “santo” (Par. 6) e nos abençoa (F. 16):



6. Neide Duarte: *Apesar de estar atrás dos vidros blindados, o Papa Bento XVI desenvolveu uma relação muito próxima com todo esse povo que está sempre à espera para vê-lo e ouvi-lo (F. 13 e 14). E como se o Mosteiro de São Bento fosse a casa dele aqui em São Paulo (in off) (F. 15). E sendo a casa dele, é como se ele fosse nosso vizinho, um vizinho santo, mas um vizinho que está sempre a sair na janela para nos abençoar.*

7. Papa: — *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!* (F. 16, áudio: voz do Papa).

Depois da bênção, mais uma gradação possível é a despedida final: aclamado pela multidão: “Santo! Santo! Santo!” (Par. 8; F. 20). Instante que nos lembra a “fratura”, “essa suspensão inesperada do tempo”, de que nos fala Greimas (2002, p. 25). A fusão da imagem, do relato e do som, portanto, torna-se um instante de plenitude estética e estética, produto eficaz, instante que sobrevém na continuidade amorfa do cotidiano: essa “espera do inesperado”.

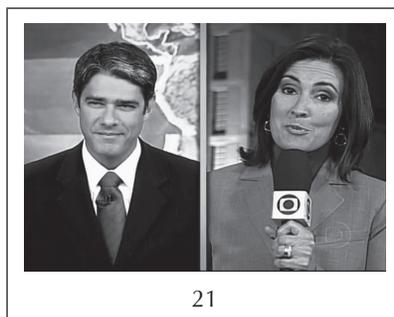


8. Neide Duarte: — *Ontem ele apareceu seis vezes, hoje foram cinco. A cada presença, o delírio da multidão. Mas hoje era um dia especial, o dia da despedida de São Paulo (F. 17 e 18) e nós também tínhamos as nossas mensagens:*

Senhora: *Papa, apareça mais vezes!* (F. 19)

Multidão: *Santo! Santo! Santo!* (F. 20)

E a reportagem termina com a despedida do casal de apresentadores, que agora se encontram na posição normal, como fazem todas as noites.



9. Fátima Bernardes: *Nós ficamos por aqui nesse dia histórico da canonização de Frei Galvão e voltamos a nos encontrar amanhã. Uma boa noite a todos, boa noite Willian...*

Processos tensivos

Claude Zilberberg (2006) propõe tratar o discurso em dois eixos, o da sintaxe intensiva e o da sintaxe extensiva. A sintaxe intensiva rege o andamento na relação aceleração/afrouxamento, e a tonicidade, como exacerbação/atenuação; a sintaxe extensiva trata a temporalidade e a espacialidade como concentrado/difuso e triagem/mistura. A direção geral do texto é a intensificação, alternando aceleração e afrouxamento (correspondendo, talvez, ao *timing* e à relaxação, na teoria da comunicação), numa ascendência tônica que chega à exacerbação. A visita de três dias do Papa a São Paulo (realizada no mundo natural) implica seqüências previsíveis de atonia: deve ter havido signos de fadiga, bocejos, crianças inquietas, choro, sem falar do frio, da garoa e da espera. Na reportagem (3' e 10'' de duração), entretanto, o relato e as imagens não registram fatos disfóricos, ao contrário, investem na interação do Papa com seus fiéis (festiva e cheia de emoção).

Tanto no relato quanto nas imagens, o conteúdo intensivo (ângulo da intensidade) rompe a progressão (ângulo da extensividade) quando o sentimento de carência, de "imperfeição"⁷ é introduzido pelo modo de eficiência do *conseguir*: a busca de proximidade dos fiéis em relação ao Papa, um desejo que deve que ser contido com paciência (no relato e nas imagens do Largo de São Bento, no Estádio do Pacaembu e no Campo de Marte, até o Par. 5), em três formas: 1. Pela reiteração: "*Tempo* de garoa em São Paulo, *tempo* de paz no futebol, *tempo* de espera"; 2. Pela própria espera: os "caminhos do Papa" são o espaço da /espera/. O ilustre visitante é esperado por seus fiéis; aguardar é o dever-fazer imperativo a cada um. As imagens da multidão de fiéis sobre o Largo de São Bento (F. 4 e 9) são acompanhadas de quatro sonoras que introduzem o item 3. A certeza de ver o Papa (Par. 2 e 3; F. 5, 6, 7 e 8).

O sentimento de carência provoca o desejo pela espera de um pico de intensidade. Quase um paradoxo, pois a intensidade só ocorre pelo retardamento, pelo adiamento, pelo "não agora", isto é, pela espera, como diria Valéry, "*Attendre, c'est percevoir un accroissement*" (VALÉRY, 1973, p. 1233). A espera pressupõe, seja um afrouxamento por parte do objeto (aqui está o papel do encadeamento do relato e das imagens), seja um saber esperar da parte do observador: "Daqui meia hora mais ou menos" (Par. 2, F. 6) e a espera no Largo de São Bento, em cuja janela do Mosteiro o Papa apareceu várias vezes para abençoar os fiéis. O *afrouxamento*, subvalência do andamento, tem por plano de expressão a aspectualização, isto é, a multiplicação das paradas, papel da própria

⁷ A "falta" proppiana do nível narrativo e a aspectualização evoluíram para a "imperfeição", segundo Greimas, (2002), que denomina a distância entre a *apreensão* e a *visada*. Esses dois conceitos foram bem definidos por Claude Zilberberg. Na apreensão, temos um sujeito que sofre uma prova. Ele fica "surpreso, impressionado, marcado por aquilo que lhe acontece", "uma presa do sobrevir". Na visada, temos um sujeito operador que está engajado num "esforço", "segundo o modo de eficiência do conseguir" (ZILBERBERG, 2007).

reportagem (Par. 2, 3, 4). Trata-se de retardar o fim que significa a despedida, daí a virtualização da emoção (nas 6 sonoras), e da intimidade, na última sonora: “Papa, apareça mais vezes” (Par. 8, F. 19).

O tema da reportagem é a aproximação do Papa de seus fiéis, um tipo de interação desenvolvida pela presença. A princípio, são “milhares de fiéis, moradores e forasteiros” que seguiram o Papa (Par. 1). O que mais nos toca é a participação popular nas marcas do plano da expressão: (i) de modo coletivo, na multidão no Largo de São Bento (F. 4, 9, 13, 15 e 20), no Estádio do Pacaembu (F. 10) e no Campo de Marte; (ii) de forma individual, em que a repórter colhe testemunhos de pessoas do povo, registradas nas seis sonoras (F. 5, 6, 7, 8, 12 e 19). A reciprocidade do Papa é manifestada de duas formas: pelo próprio comportamento dele nas constantes aparições à janela do Mosteiro e por deduções e entimemas, construídos pelo próprio relato: “como se o Mosteiro fosse a casa dele”, “como se fosse nosso vizinho”, criando o efeito de sentido de proximidade, de interação.

Jogando com a oposição /distância/ vs /proximidade/, a práxis enunciativa insiste, colocando em relevo ora um ora outro. No início dos enunciados, o termo /distância/ aparece pela própria situação que coloca em oposição /celebridade/ vs /povo/. Entretanto, a /proximidade/ é atualizada e passa a predominar no final dos enunciados. Quando os dois termos são atualizados, ambos são colocados em tensão, sendo um realizado, outro potencializado. O enunciado apresenta-se ora *concentrado*, com picos de intensidade, ora *difuso*, pois a extensividade vem naturalmente pelo desenvolvimento do próprio relato.

Sintaxe intensiva

Zilberberg (2007) define como modos de junção a implicação e a concessão. O modo implicativo é aquele conhecido como o da “causalidade legal”, “o direito e o fato estão em concordância um com o outro”: “se *a*, então *b*”. O modo concessivo é, segundo os gramáticos, aquele da “causalidade inoperante”: “mesmo que *a*, no entanto não *b*”. Por seu andamento vivo e elevado, a concessiva é mais intensa que a implicação, por isso mesmo a concessão é tão preciosa.

Em nosso texto, há duas espécies de intensificação: uma implicativa, segundo o esperado, e uma intensificação concessiva, segundo o inesperado, evidentemente relativa, mas desenvolvida ao extremo nessa reportagem. O esperado está no protocolo previsto para esse momento: a multidão concentrada no Largo de São Bento, o *show de rock* no Estádio do Pacaembu, a missa no Campo de Marte, cenas em que se percebe a intensificação pela escolha dos aspectos mais sensíveis: a multidão reunida e os acenos à chegada do papamóvel (F. 4), o depoimento dos fiéis (F. 5-8), os aplausos, os gritos, as lágrimas (F. 9, 10 e 15), as saudações do Papa (F. 11). O inesperado é a conversão do distanciamento em proximidade com figuras num processo de gradação que se inicia em: “Apesar de

estar atrás dos vidros blindados, o Papa desenvolveu uma relação muito próxima.” (Par. 6), iniciado com conectivo concessivo (grifo nosso). A seguir, a construção do entimema, que o eleva de hóspede a vizinho, cria o efeito de sentido de intimidade que se acopla ao conceito de santidade: “um vizinho santo”.

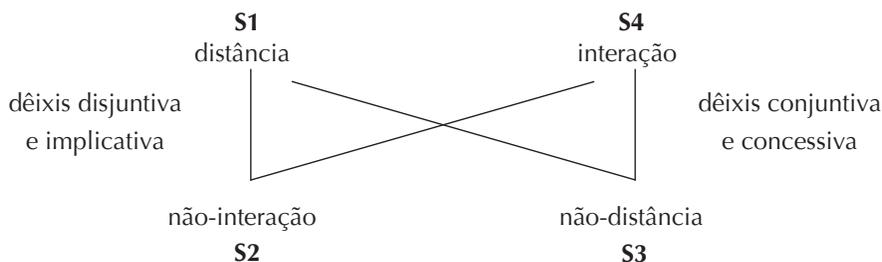
A práxis, assim, não só repara a carência anulando o distanciamento como exalta a proximidade dando espaço a certa intimidade, investindo na afirmação de um sujeito único, *exclusivo* e o maior, *supremo*: “um vizinho santo”. Inserindo, a seguir, a cena do Papa abençoando os fiéis com o registro de sua própria voz (F. 16; Par. 7), o impacto é instalado na reportagem, lembrando o *acontecimento*, conceito recente de Zilberberg (2006b; 2007), em que um sobrevir, uma suspensão do tempo introduz a espera e a ansiedade, as quais são apresentadas no texto de quatro formas no final da reportagem (último parágrafo; a partir da F. 16): 1. no próprio comportamento do Papa, suas constantes aparições à janela do Mosteiro: “a cada presença, o delírio da multidão” (Par. 8); 2. “o dia da despedida de São Paulo” com imagens muito próximas do Papa (F. 17), seguida de imagens dele no papamóvel (F. 18); 3. imagens do povo nas calçadas, despedindo-se do Papa, numa tomada que pretende oferecer a visão do Papa vendo a multidão e o enunciado do relato: “e nós também tínhamos as nossas mensagens: Papa, apareça mais vezes!” (F. 19); 4. numa tomada focalizando o papamóvel de frente, e o registro dos aplausos e vozes gritando “Santo! Santo! Santo!” (F. 20).

Distinguem-se duas espécies de andamento, percebido, sobretudo, no visual: 1. o andamento enuncivo, que concerne à lentidão do relato com paradas (limite superior da lentidão) em que a repórter colhe testemunhos de pessoas do povo (F. 5-8, 12 e 19); e 2. o andamento enunciativo que concerne os grandes e rápidos movimentos de câmera e cortes da edição. No visual, a tonicidade está nos elementos que dão profundidade. O que está próximo é tônico, o que está longe, átono. Os depoentes estão próximos e o Papa é a única pessoa que se beneficia do *close* (F. 17), ao passo que a multidão é vista de longe e do alto.

A partir do Par. 6, o texto joga com a alternância dos termos complexos /distância/ vs /interação/ e uma tensão entre “visitante célebre” e “vizinho santo”. Os valores de intensidade pesam sobre a condição de /distância/, em que o Papa é visto como uma celebridade protegida por forte esquema de segurança, um objeto de curiosidade, implícito, segundo o esperado. O termo “vizinho santo”, entretanto, está manifestado segundo o inesperado. Um termo complexo é colocado no plano da expressão: “vidro blindado” vs “relação mais próxima” e atualizado no plano do conteúdo como /distância/ vs /interação/. Os termos complexos são concessivos. Aplicando o que Zilberberg denomina de intervalo entre dois gradientes de S1 a S4, em que S1 e S4 intervêm como sobre-contrários e S2 e S3, como subcontrários — os sobre-contrários são tônicos e distantes e os subcontrários são átonos e próximos — essas posições estão demonstradas na apresentação dos gradientes:

S1	S2	S3	S4
distância	não-interação	não-distância	interação

Retomamos o quadrado semiótico, que parece melhor representar a questão tratada:



(S1) A /distância/ está representada em numerosas ocorrências no relato e nas imagens: no vidro blindado do papamóvel (F. 4), na janela do Mosteiro, também blindada (F. 14 e 16), e em todas as cenas em que o Papa é visto de longe (F. 15).

(S2) A /não-interação/ é o gradiente evitado no texto: não há marcas, só pressupostos, se não houvesse o fator fé e demais simulacros do discurso, pois em nenhum momento ocorre uma aproximação literal do Papa e seus fiéis.

(S3) A /não-distância/ realiza-se em três enunciações: (i) nas ações do povo em seguir o Papa “para vê-lo e ouvi-lo”, atualizado nas próprias palavras dos entrevistados (Par. 2 e 3); (ii) nas ações do Papa, que é apresentado de braços abertos como um pai a acolher o filho (F. 11 e 16) e o vidro abaixado do papamóvel (F. 18); (iii) no relato da repórter: “A estrela do Papa brilhava lá no palco e a platéia respondia com outras luzes” (Par. 4, F. 11).

(S4) A /interação/ está representada também triplamente: (i) como simulacro do relato: “Uma relação de costume e de afeto” (Par. 4) e da imagem: a aclamação com palmas e gritos no *show* de *rock* do Pacaembu (F. 10) e na saudação final dos fiéis, (F. 20); (ii) nas ações do Papa priorizadas pela edição: a bênção e o *zoom* do Papa (F. 16 e 17).

S1 e S2 são as vertentes disfóricas, um Papa distante, apenas uma visita célebre; S3 e S4 são eufóricas, construídas pelo discurso. A distância está presente em toda a primeira metade do texto. Como invalidar esse distanciamento dos fiéis para com o Papa? Isso só é possível por meio da negação da distância. A interação é colocada na forma da concessão: a passagem de S1 para S4 efetua-se sempre por concessão⁸.

⁸ Claude Zilberberg diz que a práxis tem uma espécie de “fascinação pela dimensão concessiva”, a qual, no texto, apresenta-se de seguinte maneira: Ainda que esteja distante, ele está próximo e nos abençoa. (2002, p. 21)

Do mesmo modo, a descrição do comportamento dos fiéis recebe um tratamento tensivo com duas variações retóricas: 1. nos parágrafos 2 e 3, o relato encadeia-se com as sonoras: “Pelas ruas, sabíamos de cor os caminhos do Papa Bento XVI. — Vai passar por aqui? — Vai passar!” e “E aonde eles (caminhos) podiam nos levar. — Eu já vi o Papa três vezes já!”. Se observarmos esse encadeamento, constatamos a tensão entre a durabilidade do primeiro enunciado (no relato em *off*) e a terminalidade do segundo (nas sonoras), pois o relato se alonga (extensidade), enquanto as sonoras são breves e pontuais (intensidade); 2. outros enunciados sugerem certa ascendência tensiva da parte dos fiéis que, no início, esperam: “Vai passar. Daqui a meia hora mais ou menos” (Par. 2), depois, aplaudem e participam: “No Estádio do Pacaembu, vivemos horas de *show de rock*” (Par. 3), a platéia respondia com outras luzes (Par. 4; F. 11) e, finalmente, a multidão o aclama santo! (Par. 18; F. 20)

Os detalhes escolhidos para constar no relato e as imagens selecionadas na edição criam a atmosfera de cordialidade, proximidade, interação (intensidade: tonicidade). Dessa forma, a atmosfera do Largo de São Bento invadido pela multidão (F. 4, 9 e 15) e a multidão no Campo de Marte pertencem ao visual já a recepção no Pacaembu (F. 10), a bênção (F. 16) e a aclamação final (F. 23) pertencem ao audiovisual; “Hoje era um dia especial” (Par. 8) e “ nesse dia histórico da canonização de Frei Galvão” (Par. 9) são enunciados que pertencem ao relato. Todas essas figuras são superlativos por excelência que visam à unicidade, um espetáculo único, exclusivo. Trata-se da hipérbole, uma figura de retórica que leva os fiéis à emoção, a uma catarse necessária para alimentar os afetos.

A tonicidade é a subdimensão mais importante do texto e tem como plano de expressão a emoção e como plano do conteúdo a *superioridade* e o *excesso*. Empregando a concessão, o jogo consiste em considerar o excesso como único, exclusivo, supremo, segundo o princípio do “nunca suficiente”, com freqüentes exemplos de hipérboles. Trata-se da lógica do conseguir, pois a tonicidade não é obtida pelo impacto de um acontecimento singular, mas uma construção do relato, pela *lentidão*, lógica, progressiva, na qual a elevação da tonicidade é obtida pelo *afrouxamento* (diminuição do andamento).

Sintaxe extensiva

Há uma difusão da emoção no ponto de vista da sintaxe extensiva, pois, no texto, vemos quatro referências ao número de pessoas: “Milhares de fiéis” (Par. 1), “no meio da multidão” (Par. 3), “a platéia respondia...” (Par. 4) e “o delírio da multidão” (Par. 8). O texto produz uma operação de mistura: “moradores e forasteiros, tanto faz.” (Par. 1), para, em seguida, instituir um actante coletivo que transcende as diferenças, pessoas do povo interrogadas nas sonoras. A moral é simples: a fé aproxima. As diferenças não importam mais. Os afetos são comuns.

A respeito da subdimensão temporalidade, a pertinência consiste na passagem da *visada* para a *apreensão*, em que a visada caracteriza a espera: “Foram dias e noites de frio” (Par. 2) e “A senhora estava no meio da multidão no dia em que ele chegou?”; e a *apreensão*, a benção do Papa e o momento do adeus (Par. 7 e 8).

A espacialização será tratada, inicialmente, do ponto de vista paradigmático, no qual os espaços são previstos: a “capital paulista” (Par. 1) ou “São Paulo” e “pelas ruas” (Par. 2), “Largo de São Bento”, “Estádio do Pacaembu”, “palco” (Par. 4); “Campo de Marte”, “endereço do Papa em São Paulo, o Mosteiro de São Bento” (Par. 5); “Casa dele”, “janela” (Par. 6), cuja oposição pode ser construída nas dicotomias /englobante/ vs /englobado/, /interior/ vs /exterior/ ou, ainda, /público/ vs /privado/.

Do ponto de vista sintagmático, perguntamos: esses espaços se comunicam ou não uns com os outros? São Paulo, suas ruas, o Largo de São Bento e o Campo de Marte são espaços *abertos*. O Estádio do Pacaembu e o palco são termos neutros, nem abertos nem fechados. O Mosteiro de São Bento, endereço do Papa, é um espaço *fechado* e a janela blindada é um espaço *hermético*. O Papa efetua uma série de translações em São Paulo: das ruas até o Mosteiro e deste até o Pacaembu e, no dia seguinte, ao Campo de Marte. No interior do Mosteiro, desloca-se 11 vezes para a janela blindada, a fim de abençoar os fiéis. O Mosteiro é, portanto, um espaço de transição, um espaço ambivalente: momento da conjunção e também da disjunção ou, ainda: da última conjunção, daí a dramatização. Assim, a temporalidade e a espacialidade variam na mesma direção: ambas se abrem à interação. Embora a partida do Papa seja uma situação terminativa, a relação afetiva construída tem valor incoativo e durativo, cuja função é abreviar e concentrar o tempo a fim de confortar a multidão de fiéis (e os telespectadores) diante da despedida.

A reportagem, que começa com imagens do Papa sempre distante, atrás de vidros blindados e até posicionado de costas (F. 4, 15 e 11), termina com as imagens do Papa em *zoom*, num papamóvel cujo vidro lateral está abaixado e num cortejo em que o povo o aclama como santo (Par. 17, 18 e 20). Essa abertura, registrada no final da reportagem, consiste em uma das marcas mais constantes do TJ, porque a reportagem deve sempre terminar com valores muito fortes, que unam actualidade e tonicidade.

Para terminar

O discurso deve estabelecer a grandeza a partir das circunstâncias próprias do campo de presença no mundo natural: deve colocar em ordem uma lista de circunstâncias compatíveis com a instância da enunciação e uma lista daquelas não compatíveis com a relação enunciadador-enunciatório. Assim, teremos posições proibidas e permitidas, composições proscritas ou aceitas numa determinada cultura. Em nosso texto, para evitar a /distância/, evidenciada pela própria natureza da relação entre um personagem célebre e o povo,

a práxis enunciativa assinala aspectos que negam esse distanciamento e possibilitam a interação desejada, transformando um valor disfórico em eufórico.

Trata-se de um discurso de cunho narrativo, já que é constituído “de um esquema no qual estão associados os eventos salientes, que são extraídos, em virtude de sua própria intensidade, do repertório pré-narrativo do devir” (FONTANILLE e ZILBERBERG, 2001, p. 168). A tensão é de predicação intensiva, mas a práxis enunciativa introduz elementos de predicação existencial, pois a presença é estabelecida como histórica, simbólica e alegórica: 1. histórica: na abertura, quando W. Bonner afirma que o texto tem valor histórico, e no fechamento, quando Fátima Bernardes diz “nesse dia histórico”; 2. simbólica e alegórica: sempre que o Papa é apresentado de braços abertos e quando benze os fiéis + o registro de sua própria voz.

Estamos diante de um relato que insiste nos valores de aproximação, de interação, grande causa da Igreja católica: a predicação existencial do Papa, de sua santidade, do desejo da multidão e do Papa como um pai verdadeiro. A práxis enunciativa recolhe essa presença no tempo e no espaço, os aspectos estéticos-estésicos ligados à sensorialidade e à afetividade, capazes de ressemantizar o discurso, dando-lhe uma nova aura semântica, uma aura mítica.

Como qualquer análise semiótica, este estudo não foi exaustivo como deveria ser segundo Hjelmslev, mas pretendeu demonstrar que a práxis enunciativa, enquanto instância do discurso em ato, rege numerosas operações muito mais da categoria do sensível do que do inteligível. A produção da reportagem depende de modelos, de normas prefixadas do gênero, cada vez melhor adaptadas às formas de vida de seu público. Essa reportagem reúne estratégias do fazer-criar e do fazer-sentir, ao mesmo tempo em que utiliza a crença e os valores culturais. Na práxis enunciativa do TJ, há muito mais do que uma equipe profissional responsável por sua produção, pois, atrás de cada membro dessa equipe, existe, ao mesmo tempo, um conjunto de práticas e operações textuais e culturais em jogo: microssemióticas, nas quais cada termo estabelece relações, dependências e exclusões, o que demonstra sua filiação a um determinado universo cultural.

A análise da reportagem televisiva, aqui apresentada sob o enfoque da semiótica tensiva, demonstra que o TJ busca o fato no mundo natural para transformá-lo em acontecimento exclusivo e supremo que suscita paixões nos telespectadores e, ao mesmo tempo, expõe as práticas e estratégias no ponto de vista tensivo que podem ser encontradas em grande parte das manifestações midiáticas de natureza audiovisual.

Referências

DINIZ, Maria Lucia V. P. (2006). Tensividade em notícia: a práxis enunciativa no telejornal. *Ícone*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, ano 7, n. 9, p. 59-74.

FONTANIER, Pierre (1977). *Les figures du discours*. Paris: Flammarion.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude (2001). *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial; Humanitas/FFLCH/USP.

GREIMAS, Algirdas Julien (2002). *Da imperfeição*. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques (1993). *Semiótica das paixões*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática.

VALÉRY, Paul (1973). *Cahiers tome I*. Paris: Gallimard. (Coll. La Pléiade).

ZILBERBERG, Claude (2006a). *Razão e poética do sentido*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

_____. (2006b). *Eléments de grammaire tensive*. PULIM, Presses Universitaires de Limoges. (Coleção Nouveaux Actes Sémiotiques).

_____. (2007). Louvando o acontecimento. Tradução de Maria Lúcia V. P. Diniz. *Galáxia*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC, n. 13, São Paulo, EDUC.

MARIA LUCIA VISSOTTO PAIVA DINIZ é pós-doutora em Ciências Sociais Aplicadas (Rádio e Televisão), cujo estágio, realizado em Paris, França, foi financiado pelas CAPES (2006); professora no curso de Comunicação Social e vice-coordenadora do programa de pós-graduação em Comunicação, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista FAAC/UNESP/Bauru/SP. Líder no GESCom-Unesp, Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, investiga os processos de significação da produção televisiva em estudos teóricos e análises críticas das linguagens, mediações e interações, com dezenas de artigos publicados.

mlvissotto@uol.com.br

<http://www.faac.unesp.br/pesquisa/gescom/>

*Artigo recebido em 26 de junho de 2007
e aprovado em 14 de abril de 2008.*